

O homem tem mais sede de glória do que de virtude. A armadura de um inimigo, o seu elmo quebrado, a bandeira arrancada de um navio conquistado, eram tesouros mais apreciados do que qualquer riqueza humana. É para obter esses símbolos de glória que generais, sejam eles romanos, gregos ou bárbaros, enfrentam mil perigos e suportam mil provações.

Décimo Júnio Juvenal,
poeta romano do século II d. C.

ÍNDICE

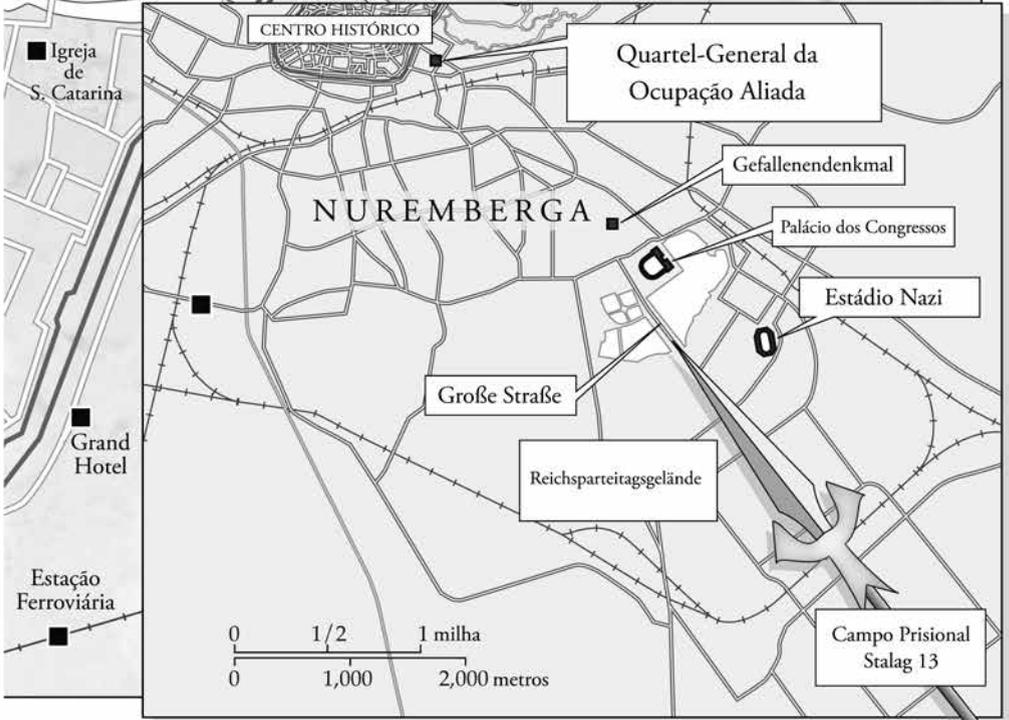
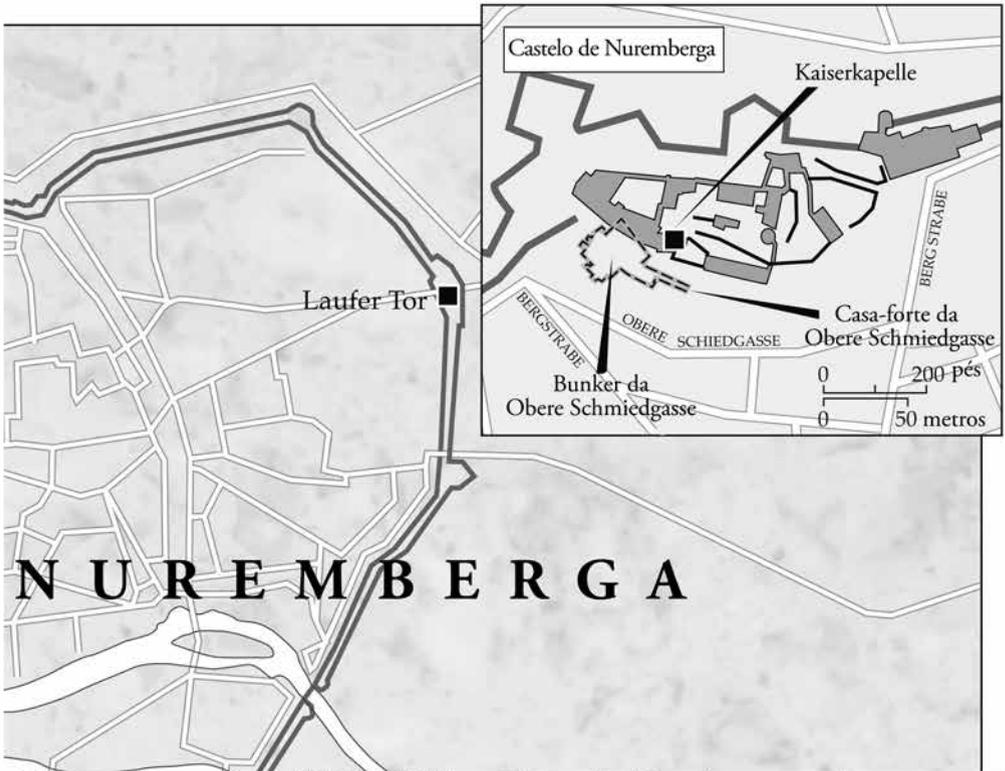
Nota do autor	9
1. Obere Schmiedgasse	13
2. Monuments Men	21
3. Os rapazes de Camp Ritchie	39
4. A invasão de Nuremberga.....	49
5. O martelo de Thor.....	61
6. A caixa de Pandora	75
7. A Lança do Destino	95
8. Os académicos de Himmler	111
9. O Jesus ariano.....	127
10. O reino de conto de fadas de Hitler.....	139
11. Cavaleiros teutónicos	149
12. O inimigo às portas	159
13. Cadeia de comando.....	171
14. O emissário de Himmler	179
15. As chaves da casa-forte.....	187
16. O Reich Sagrado de Hitler.....	201
17. Externsteine	213
18. Camelot negra	227
19. A Casa Branca.....	239
20. Saque nazi	251
21. Camp King	261
22. As Joias da Coroa.....	271
23. O acordo faustiano.....	279
24. O Quarto Reich.....	289
Epílogo.....	303
Agradecimentos.....	313
Notas	315

NOTA DO AUTOR

A história verídica que se segue baseia-se em registros militares, correspondência, diários, entrevistas, material arquivístico, e nas memórias orais inéditas da II Guerra Mundial de Walter Horn, professor de história da arte em Berkeley, Universidade da Califórnia.

Nuremberga no pós-guerra, 1945





Alemanha no pós-guerra, 1945



Capítulo 1

OBERE SCHMIEDGASSE¹

23 de fevereiro, 1945

Todas as manhãs, com a precisão de um relógio, os bombardeiros aliados escureciam os céus sobre Namur, na Bélgica. Naquele último inverno da II Guerra Mundial, centenas, e por vezes até um milhar, de aviões, voando em vastos esquadrões conhecidos como «torrentes» ou «fluxos de bombardeiros», troavam lá no alto durante uma hora ou mais de cada vez, deixando rastros de vapor com quilómetros de comprimento que ficavam a pairar muito depois de os aviões terem desaparecido e largado a sua carga letal sobre os seus alvos na Alemanha e na Europa Oriental.

A chegada destas torrentes de bombardeiros aterrorizava os soldados alemães que se encontravam no centro de detenção dos EUA nos campos cobertos de neve dos arredores de Namur. Amontoados e a tremer em cercados de rede metálica, os prisioneiros olhavam ansiosamente para o alto, receando o terror que estava prestes a abater-se sobre as suas famílias e amigos que tinham deixado na terra natal. Os seus captos norte-americanos também olhavam para os aviões, mas, em lugar de medo, sentiam uma imensa admiração

¹ Blacksmith's Alley, no original. Ainda que o autor, como a maioria dos autores de língua inglesa, tenha quase sempre traduzido a toponímia local, bem como as designações de monumentos, instituições, organizações, etc., optou-se aqui por manter os nomes originais, uma vez que o leitor que pretenda visitar Nuremberga ou obter mais informação poderá ter dificuldades se recorrer a designações inglesas.

Também, nestas designações, e já que na língua alemã o género das palavras muitas vezes difere do nosso, seguiu-se a regra habitual de respeitar o género da língua original. (*N. do T.*)

pelas tripulações dos bombeiros e pela sua capacidade de fogo. Eram o martelo prateado que estava a destruir a máquina de guerra nazi e que em breve iria permitir que o Exército Aliado aniquilasse Adolf Hitler na sua própria pátria. O facto de aquelas missões de bombardeamento diurnas e noturnas terem como alvo não só objetivos militares, mas também zonas industriais, resultando assim na destruição de cidades inteiras, era o preço que a Alemanha tinha de pagar pela sua continuada resistência.

O primeiro-tenente Walter Horn, um dos dez interrogadores que falavam alemão no Terceiro Exército dos EUA estacionado em Camp Namur, aguardava a chegada diária dos esquadrões de bombardeiros com um misto de emoções. Com 36 anos, peito e ombros largos, parecendo um moreno galã de cinema, e com uma mulher impaciente à sua espera em casa, em Point Richmond, na baía de São Francisco, Horn sentia um orgulho enorme na capacidade norte-americana para construir, abastecer, manter e lançar milhares de aviões carregados com dezenas de milhares de bombas, bombas estas que depois eram largadas em pleno território inimigo. Ainda que nunca tivesse disparado uma arma de fogo durante os seus dois anos de serviço, e que a sua unidade de informação, comandada pelo general George S. Patton, sempre se mantivesse a uns confortáveis 80 quilómetros da linha da frente, Horn dava valor à ousadia e coragem das tripulações aéreas e sentia uma afinidade especial com os milhares de homens – da artilharia, infantaria, médicos, enfermeiros, cozinheiros, escrivães e intendentos – que constituíam o exército mais vasto, rápido e bem equipado que alguma vez existira.

Mas a visão daquelas torrentes de bombardeiros também o deixava ansioso. À semelhança dos prisioneiros que interrogava, ele nascera, crescera e fora educado na Alemanha. Nunca sabia se um dos bombardeiros iria largar a carga perto da casa da sua família em Heidelberg, nem se, ao olhar para as cercas de detenção, um dia não veria entre os rostos desesperados dos prisioneiros capturados e feridos o do irmão mais velho, Rudolf.

Naquele inverno, o tenente Horn recebera ordens para ajudar a determinar se Hitler iria usar armas químicas ou biológicas quando o Exército Aliado atravessasse o Reno e penetrasse na Alemanha. Corriam rumores de que os alemães, numa última tentativa desesperada para

resistir à aproximação das forças aliadas, poderiam recorrer a essas armas, como o tinham feito nas trincheiras francesas 27 anos antes.

A unidade móvel de informações de Patton preparara um questionário pormenorizado para apurar a verdade. Os interrogadores não perguntavam diretamente pelas reservas de armamento. Em vez disso, extraíam a informação pretendida de quatro das 150 perguntas aparentemente aleatórias que eram feitas aos prisioneiros. As respostas eram depois usadas para determinar se os soldados tinham aprendido a usar armas químicas ou biológicas em batalha e se, escondidos atrás das linhas inimigas, haveria abrigos a postos para proteger a população civil. Mil e quinhentos soldados, selecionados entre a infantaria da Wehrmacht capturada na Bélgica depois da batalha das Ardenas, tinham sido encaminhados para Namur com este intuito. Uma vez que as instalações eram inadequadas, grande parte das entrevistas realizava-se ao ar livre. O «gabinete» de Horn, adjacente ao recinto dos prisioneiros, era constituído por dois caixotes de laranjas vazios, uma pequena secretária levada de uma escola primária próxima e uma pilha de questionários e de lápis.

Horn já tinha entrevistado 35 prisioneiros a 23 de fevereiro de 1945, quando um guarda do campo lhe levara o soldado Fritz Hüber, de 48 anos, pertencente à 2.^a Divisão Blindada alemã. Magro e abatido, de rosto estreito, no qual se destacava um enorme nariz adunco, Hüber usava o mesmo uniforme – que não lhe assentava bem – com o qual fora capturado três semanas antes. Ainda que fosse velho, segundo os padrões do Exército Aliado, Hüber não era um recruta invulgar na Wehrmacht, já que os alemães, depois de mais de cinco anos de guerra contínua, estavam a recrutar homens que podiam ir dos 16 aos 60 anos, inserindo-os em unidades de veteranos endurecidos e fazendo-os abrir trincheiras e carregar equipamento às costas ou em carroças. A mão de obra alemã, um recurso idêntico ao gasóleo necessário para mover os tanques, tornara-se escassa.

Recrutado em Nuremberga, Hüber recebera menos de um mês de treino antes de ser enviado, debaixo de neve, para combater na Bélgica: não sabia nada a respeito de armas químicas nem biológicas. Horn não demorou a conferir as respostas dele, obtendo nada mais do que «sim», «não» e «não sei».

Concluída a entrevista, o tenente estava pronto para dispensar o prisioneiro. Mas diria depois, num relato pormenorizado daquela

entrevista, que, de repente, mudara de ideias. Ao ver a figura lamentável do soldado Hüber do outro lado da secretária, vergado pela falta de sono e claramente afetado pelo reumatismo naquele frio húmido, Horn ofereceu-lhe um cigarro e uma caneca de café, e perguntou-lhe se sabia de alguma coisa que pudesse interessar ao serviço de informações do exército.

A expressão de Hüber distorceu-se como a de um aluno que tivesse chumbado no exame. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Ele queria ajudar, ser prestável.

O tenente já presenciara reações daquele género. Via-as todos os dias entre prisioneiros que tinham perdido tudo menos a vida. Homens como Hüber, recrutados nas ruas pela Gestapo ou arrancados de casa à força e empurrados para o serviço à pátria, não eram nazis dedicados nem arrogantes. Muitos já tinham perdido filhos, filhas e mulheres na guerra ou visto a casa ou o prédio onde viviam ser destruídos pelo fogo. Eram guerreiros relutantes. Tendo-se entregado ao inimigo, e vendo-se privados dos seus bens e levados como gado para aquelas cercas de detenção, a maioria perdera os últimos resquícios de autoestima. Como uma indignidade final, viam e ouviam agora as intermináveis torrentes de bombardeiros e sabiam que a sua situação era desesperante. Os novos e muito gabados jatos de interceção *Messerschmitt* de Hermann Göring nem sequer se avistavam. Se Hitler realmente possuía uma arma secreta capaz de dar a volta à guerra, como o ministro da Propaganda, Josef Göbbels, prometera ao povo alemão, já a deveria ter usado.

Hüber e os companheiros sabiam que ninguém iria aparecer para os salvar. Todavia, no meio de um desespero absoluto, Horn detetava neles um estranho paradoxo. Aqueles soldados de infantaria, até os que tinham começado como acérrimos defensores do insano sonho de domínio mundial do seu *Führer*, queriam ser prestáveis, queriam mostrar alguma utilidade. Estavam desesperados por mostrar o seu valor, nem que fosse ao inimigo. O soldado Hüber e outros como ele seriam aqueles que um dia haviam de voltar a casa para reconstruir a sua nação.

Desculpando-se, o prisioneiro disse a Horn que não o podia ajudar.

O tenente não esperava ouvir mais nada daquele homem. Mas quando Hüber acabou de beber o café e Horn se preparava para indicar aos guardas do campo que o levassem de regresso ao recinto

dos prisioneiros, o rosto do soldado iluminou-se subitamente. «Tem interesse por arte e antiguidades?», perguntou-lhe ele.

Horn fez um grande sorriso. Aquele soldado alemão não tinha como saber que, na vida civil, o seu interrogador era professor de história da arte em Berkeley, na Universidade da Califórnia, nem que anos atrás, antes de fugir da Alemanha nazi, estudara história da arte em Hamburgo, Munique e Berlim, que fizera o doutoramento sob a orientação do internacionalmente famoso especialista medieval Erwin Panofsky, e concluía uma pós-graduação com Bernard Berenson em Florença, Itália. Não havia tema que o Dr. Walter Horn mais gostasse de discutir do que arte e antiguidades.

«O que me pode dizer?», perguntou-lhe, por sua vez, Horn.

Hüber endireitou-se no assento e dirigiu-se ao tenente como se estivesse a ser interrogado por um superior do Exército Alemão. «Existe um tesouro escondido num *bunker* do Nürnberger Kaiserburg (Castelo de Nuremberga). O esconderijo foi aberto na rocha, na escarpa de arenito. É ultrassecreto. Só o *Reichsführer* Himmler, os seus homens, algumas autoridades da cidade e quem trabalha no próprio *bunker* sabem alguma coisa sobre isso.»

«Heinrich Himmler? Da SS?»

Hüber assentiu solenemente, acrescentando que o *bunker* se situava nas entranhas mais profundas do castelo, mas que o túnel de entrada dava para a rua.

Intrigado, Horn pediu-lhe que fosse mais específico.

O soldado explicou-lhe então que a entrada estava disfarçada de modo a parecer a garagem de uma loja de antiguidades num beco da zona velha da cidade, com o letreiro: «Antiguidades – novas e velhas».

Como Horn depois diria, Hüber fez uma pausa, como se estivesse a rever mentalmente uma imagem da loja em questão. Aquela ideia trouxe-lhe um ligeiro sorriso ao rosto. Ficou mais descontraído, animado até.

O prisioneiro continuou, passando a descrever a organização do *bunker*. Disse que o estacionamento coberto, com as portas camufladas, dava para um longo túnel que descia cerca de 60 metros. No fim desse túnel encontrava-se um *bunker* de 370 metros quadrados, feito de betão armado, com cinco celas separadas de armazenamento e uma casa-forte com espaço bastante para alojar um pequeno camião. O espaço era autossuficiente. Os guardas do *bunker* tinham quartos

de dormir, geradores elétricos, combustível, água fresca, alimentos e equipamento de rádio. Havia condutas até à superfície e um sistema de purificação do ar caso a cidade fosse bombardeada.

«Se esse lugar é tão secreto», perguntou Horn, desconfiado, «como sabe da sua existência?»

A expressão de Hüber animou-se. «Porque a nossa família vive por cima do antiquário. O meu pai é encarregado da unidade de ventilação que regula a temperatura e a humidade do *bunker*. A minha mãe verifica a existência de possíveis bolores e danos causados pelos insetos. Ela tem de usar luvas brancas especiais quando entra nas unidades de armazenamento. De vez em quando, aplica um pesticida.»

Horn escutava com interesse crescente à medida que Hüber descrevia alguns dos elaborados recursos de segurança do *bunker*. Nem os guardas que protegiam as instalações podiam entrar nas unidades de armazenamento, e quem não estivesse acompanhado, exceto Himmler e o presidente da Câmara de Nuremberga, Willy Liebel, não tinha permissão para entrar na casa-forte. Eram precisos duas chaves e um código de cinco dígitos para abrir a fechadura da porta exterior, com 30 centímetros de espessura, e uma segunda porta interior com barras de aço.

«Que género de arte se encontra no interior do *bunker*?», perguntou Horn. Hüber referiu vários dos mais de cem objetos que dizia estarem guardados nas diversas dependências. Havia gravuras e águas-fortes de Albrecht Dürer, esculturas de Adam Kraft e Veit Stoss, códices medievais, mapas, instrumentos musicais renascentistas e vitrais góticos. Tudo aquilo constava de um catálogo que se encontrava junto à sala da guarda, na entrada principal, e era periodicamente verificado pelo presidente da câmara ou pelo seu secretário.

Impressionado, Horn perguntou o que estava guardado na casa-forte.

Hüber nem hesitou em responder. No interior, encontrava-se uma diversidade de artefactos embalados em caixotes de madeira. Numa caixa enorme com vitrina estavam as vestes de um rei, bordadas com imagens de camelos e leões encastoadas com pérolas. Outra caixa, com a palavra «Mauritius» impressa a *stencil* num dos lados, continha uma espada antiga. Uma terceira encerrava uma coroa coberta de safiras, rubis e ametistas. Ali perto, estava guardado um cetro de prata e uma maçã de ouro encimada por uma cruz cravejada de joias. Num estojo

de couro, sobre uma almofada de veludo vermelho, repousava uma antiga ponta de lança romana, à qual os visitantes da casa-forte – entre eles, Himmler – se referiam como a «Lança Sagrada».

Horn ficou simultaneamente entusiasmado e perturbado com a descrição de Hüber. Não tinha informação suficiente para identificar as origens das obras de arte guardadas no resto do *bunker*, mas aquela combinação de tesouros pertencia a uma coleção lendária de artefactos que já fora pormenorizada em inúmeras pinturas medievais e manuscritos monásticos.

As vestes do rei, ou paramentos imperiais, bordadas com característicos camelos e leões, tinham sido criadas no início do século XII em Palermo, Itália, tendo sido usadas pelos grandes reis-soldados da Europa medieval. A espada imperial – por vezes referida como a «Espada de São Maurício» – devia o seu nome ao mártir centurião romano e comandante da Legião Tebana. A coroa, o cetro e o orbe maliforme tinham sido propriedade, entre outros, do rei Frederico Barbarossa, o temível monarca de barba ruiva que em tempos tivera a sua corte no Nürnberger Kaiserburg e perdera a vida durante a Terceira Cruzada à Terra Santa. Mas era a referência de Hüber à antiga ponta de lança romana que identificava definitivamente aquela coleção. A Lança Sagrada, também conhecida como Lança de Longino ou Lança do Destino, era alegadamente a arma que trespassara o lado direito de Cristo na cruz e posteriormente fora usada em batalha pelos imperadores Constantino e Carlos Magno.

Os objetos guardados naquela casa-forte eram as Joias da Coroa do Sacro Império Romano, a mais valiosa coleção de artefactos de toda a Europa. Na sua demanda de domínio mundial, Hitler retirara-os do tesouro real em Viena, Áustria, e tivera-os brevemente em exposição em Nuremberga. Onde ele os escondera depois do início dos bombardeamentos na Alemanha, e também saber se a coleção continuava intacta, era tema de grande especulação entre os historiadores de arte e curadores de museus de todo o mundo.

Horn não tinha motivos para duvidar da história do prisioneiro. Hitler saqueara a Europa, roubando todo o género de tesouros, de pinturas de Leonardo e esculturas de Miguel Ângelo a valiosos ícones russos e polacos, e manuscritos monásticos medievais. Nuremberga, a segunda maior cidade da Baviera, era uma escolha natural para

Hitler proteger o seu saque. Aquela cidade antiga, com o seu grande castelo medieval erguido numa montanha de arenito vermelho, era o núcleo simbólico do Estado nazi, sentimentalmente associada ao seu suposto passado mítico, e o local de enormes comícios do Partido Nazi encenados para glorificar o futuro do regime. O próprio Horn tinha ouvido, na rádio, Hitler declarar num pódio que Nuremberga era «a mais alemã de todas as cidades alemãs» e «a arca do tesouro do Partido Nazi». Horn sempre pensara que aquilo fora dito em sentido figurativo. Agora, Hüber dizia-lhe que não.

O prisioneiro escreveu prestavelmente os nomes dos pais e depois desenhou no verso do questionário do exército um mapa em que indicava a localização exata da entrada do *bunker* subterrâneo, num beco que, num dos seus extremos, tocava no histórico Nürnberger Kaiserburg, e, no outro, dava para uma praça empedrada e para uma série de construções medievais, entre as quais se encontravam a casa e o ateliê de Albrecht Dürer. O endereço era: Obere Schmiedgasse, n.º 52.

Mais tarde naquela noite, depois de ter entregado uma pilha de questionários ao seu comandante, Horn pediu uma máquina de escrever ao primeiro-sargento Felix Rosenthal, seu amigo e colega interrogador, e também ele de origem alemã, e passou o resto da noite na messe dos oficiais a preparar um relato pormenorizado da sua entrevista. Tinha todos os motivos para acreditar que o relatório acabaria enterrado num monte de informações obtidas pelo exército e consideradas pouco importantes para o esforço de guerra, e sabia o quão – caso passasse pela cadeia de comando e chegasse ao quartel-general de Patton – improvável seria que um oficial de operações de combate visse na recuperação das Joias da Coroa do Sacro Império Romano um importante objetivo militar.

Não obstante as dúvidas de que o seu relatório fosse capaz de alcançar o topo da cadeia de comando, Horn redigiu dois rascunhos, escolhendo as palavras com o mesmo cuidado e atenção ao pormenor que usava nos artigos divulgados em destacadas publicações de história da arte antes da guerra. Satisfeito com o resultado final, selou num envelope o seu relatório, juntamente com o mapa desenhado por Hüber, e endereçou-o ao quartel-general dos serviços de informações do Terceiro Exército de Patton, em Paris.